

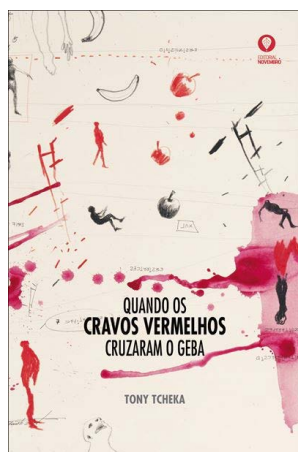
RESENHAS E ENTREVISTA



# QUANDO OS CRAVOS VERMELHOS CRUZARAM O GEBÁ, DE TONY TCHEKA: FICÇÕES A PARTIR DA QUEDA DO FASCISMO PORTUGUÊS

, BY TONY TCHEKA: SHORTS STORIES FROM  
THE AFTERMATH OF PORTUGUESE FASCISM

*Erica Cristina Bispo<sup>1</sup>*



António Soares Lopes Junior ou Tony Tcheka, desde os seus 18 anos, tem se destacado na poesia guineense. Integrou as antologias **Mantêhas para quem luta!** (1997), cujo título foi extraído de um poema seu, e que é a primeira coletânea de poemas publicada após a independência do país; **O Eco do pranto. A criança na poesia moderna guineense** (1992), obra da qual foi coordenador; e **Kebur: barkafon di poesia na kriol** (1996), nome que também foi lavrado pelo poeta. Além das participações em obras coletivas, Tony Tcheka também é autor de três livros de poesia autorais, a saber **Noites de insônia na terra adormecida** (1996), **Guiné Sabura que dói** (2008) e **Desesperança no chão do medo e dor** (2015).

Em 2020, o escritor estreou na ficção com o livro **Quando os cravos vermelhos cruzaram o Gebá**. A obra traz quatro contos intitulados “Pekadur di Sambasabi”, “Manito o patriota”, “Camarada Melhor Amanhã” e “Excisadas na Flor da Vida”. Seus enredos são atravessados pela independência da Guiné-Bissau, reconhecida unilateralmente em 24 de setembro de 1973, e pela Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974. No que se refere ao contexto guineense, é inédita a abordagem do ponto de vista a partir do qual o escritor narra a maioria dos contos: com ênfase sobre os guineenses que acreditaram na proposta salazarista de construir uma “pátria una e soberana de aquém e além-mar” (Tcheka, 2020, p. 85).

A narrativa de Tony Tcheka assume características da narrativa oral. Contudo, não o faz a partir do referencial da oralidade tradicional, aquela de que nos fala Hampaté Bâ, em “Tradição Viva”, a partir da qual a narrativa escrita visa a reencenar a contação oral tradicional, estabelecendo a transmissão de geração a geração dos saberes de um povo (cf. Hampaté Bâ, 2010). A recriação oral que nos é apresentada por Tony Tcheka se assemelha a um modelo de contação típico da Guiné-Bissau: a passada. “Passada” é um termo em língua guineense<sup>2</sup>, cujo significado é assim registrado pelo dicionário *Kriol ten*: “acontecimento, caso, episódio, passagem” (Montenegro, 2007, p. 163). O vocabulário que acompanha o livro de contos **Djênia**, de Odete Semedo, traz, por sua vez, a seguinte definição: “reconto; narração de acontecimentos feita com ênfase; relato de bisbilhotice; fofoca” (Semedo, 2000, p. 138). Entre os guineenses, é possível também encontrar a explicação de que “passada” é contar uma história com um pouco de sal. Ou seja, é a estória baseada em um acontecimento real, mas que é contada com uma encenação e com uma série de interrupções, a fim de tornar a narrativa mais atraente. Sendo assim, os contos de Tony Tcheka não seguem uma linearidade cronológica em seus enredos, tampouco se concentram em um único aspecto, em vez disso, o narrador vai apresentando um novo elemento narrativo, a fim de garantir a atenção do leitor/expectador por mais tempo. O narrador de Tcheka mergulha em um emaranhado de fios da contação e os vai desfazendo para o leitor, acrescentando as histórias de cada personagem que surge na cena, inserindo dados das culturas guineenses, explicando as peculiaridades religiosas de um país que abarca mais de 15 grupos étnicos diferentes.

A ordem de apresentação dos contos traz um certo tipo de progressão ou encadeamento lógico. Todos os contos são protagonizados por homens guineenses que se envolvem com os aparelhos de manutenção do país, seja antes ou depois da independência. O livro começa com a história de um guineense que luta para manter o regime salazarista e termina com a história de um jovem que deseja implementar os ideais libertários de Amílcar Cabral, líder da independência da Guiné-Bissau.

Em “Pekadur<sup>3</sup> di Sambasabi”, narrativa que abre o livro, João Bicanka Sory Bá, o Basinho, também conhecido como Alferes Mon di Ferro, atua como Capitão dos Comandos Africanos. A exegese tem início com o retorno do protagonista para a sua terra natal, ao fim da derrota dos portugueses frente aos Combatentes da Liberdade. A partir daí, o narrador dá conta de toda a trajetória da vida de Basinho, incluindo a morte do irmão gêmeo e o poder exercido por seu pai sobre todos os moradores de Sambasabi.

Em “Manito o patriota”, nos é introduzida a história de Manuel Ribeiro, um funcionário público descontente e inconformado com o fim do colonialismo. O cargo de “adjunto do subchefe da terceira secção postal” (Tcheka, 2020, p. 86) garante ao protagonista um *status* social que acredita gozar, uma vez que mantém um bom relacionamento com os “senhores da terra” (Tcheka, 2020, p. 79). Manito desconhece o quanto o aparelho colonial o pretere, como fica patente na escolha de um português para o cargo que

desejava (“o tuga<sup>4</sup> ficou com o lugar”, [Tcheka, 2020, p. 101]). É somente diante da queda do regime salazarista e das dificuldades vivenciadas por ele e sua esposa para provarem sua “portugalidade” que emerge para Manito a realidade de que não era um cidadão português, como ele acreditava ser.

O terceiro conto tem como título “Camarada Melhor Amanhã” e traz a história de Epuíno Ermelindo Mendonça, um funcionário público no período colonial, que se adapta ao novo regime, ocupando um cargo no serviço de Inspeção-Geral. O cargo é resultado da neutralidade que adotara durante a luta de libertação: “não traiu ninguém, não se juntou aos guerrilheiros” (Tcheka, 2020, p. 121). Entretanto, mesmo inserido na nova vida do pós-independência, Epuíno Mendonça mantém-se saudosos da hierarquia lusitana, rechaçando, no espaço privado, o tratamento de “camarada” adotado pelo novo governo, bem como a ideia de administração horizontalizada. Em razão disso, empreende esforços para ser reconhecido como superior em algum espaço e a todo custo.

Os três primeiros contos trazem no título uma referência direta aos protagonistas, diferentemente disso, em “Excisadas na flor da vida”, as meninas vítimas da circuncisão feminina são coadjuvantes da própria história. É o irmão Antoninho a personagem a partir de quem o enredo se desenvolve. Antoninho Sory Dansó “integrou o primeiro grupo de estudantes que, a seguir à independência, fez os estudos universitários em Portugal” (Tcheka, 2020, p. 139). A partir daí, se envolve com a luta para extirpar práticas tradicionais que violam os direitos humanos. Torna-se um ferrenho defensor da escolarização das mulheres e deseja extinguir do país a mutilação feminina. Dessa forma, o protagonista tenta, com muito custo, mas sem êxito, dissuadir o pai de vaticinar um destino tão cruel às irmãs.

Percebe-se que os lugares social e político ocupados pelos protagonistas dos contos estabelecem um percurso plural, com diferentes destinos, que visam trazer para a cena literária uma historiografia que ainda não foi sistematizada. É por meio de histórias individuais que se delineia um panorama coletivo dos anos que se seguiram à independência. Dessa feita, diante da falta de uma historiografia guineense, a ficção colabora para que a história se dê a conhecer, em especial ao leitor exógeno.

O viés historiográfico não é o único presente em Tony Tcheka. As escolhas narrativas do autor revelam um olhar para dentro da Guiné-Bissau, também em seus aspectos sociais e culturais. Ou seja, as culturas que permeiam o país atravessam o cenário contístico, fazendo lembrar as palavras de Amílcar Cabral, que dizia “[n]ós avançamos para a nossa luta seguros da realidade da nossa terra, com os pés fincados na terra” (Cabral, [1969] 2014, p. 82). É com os seus pés fincados na terra que recria literariamente a Guiné-Bissau tanto na forma de narrar, como no conteúdo daquilo que é contado. Pode-se verificar esse último aspecto especialmente na figura dos *aladjes*<sup>5</sup> e dos *mininus de kriason*<sup>6</sup>.

A figura dos *aladjes*, presentes nos contos “Pekadur di Sambasabi” e “Excisadas na flor da vida”, revelam a força que tradição religiosa islâmica exerce na vida cotidiana, seja para determinar o destino dos filhos, seja para aconselhar os moradores da região, seja para garantir a manutenção da ordem tradicional estabelecida. Nos dois contos mencionados, há ênfase ao destino das mulheres, que são “excisadas como todas as meninas da morança” (Tcheka, 2020, p. 67), além de ocuparem “lugar certo e justo no trabalho doméstico. Nada de escola.” (Tcheka, 2020, p. 43).

O “*mininu di kriason*” é a criança entregue a uma família com posses, na expectativa de ter uma vida melhor, mas, em geral, o infante é usado como mão-de-obra barata e tem negada até mesmo a educação mais básica. Em três dos quatro contos, os meninos de *kriason* aparecem como parte do cenário, simplesmente. Já em “Manito o patriota”, essa figura social ganha nome e voz. A personagem Negado, o menino de *kriason* que serve Manuel Ribeiro e sua esposa, é entregue ao casal aos cinco anos de idade, “*numa casa de família, com roupa, escola e educação para ser alguém na vida, um dia*” (Tcheka, 2020, p. 83, grifo do autor).

Ou seja, nota-se que a obra é atravessada por denúncias sociais, ainda que tais temáticas não ganhem centralidade no enredo. A ficção ainda tem lugar para apontar a corrupção que ultrapassa os tempos coloniais e aporta nos dias do pós-independência: “Nem tudo corria mal ao Melhor Amanhã, até começava a somar vantagens. Já não tinha de repartir os lucros com sargentos e capitães” (Tcheka, 2020, p. 125).

**Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba** se configura, portanto, como uma obra que merece destaque no cenário guineense, bem como a leitura do leitor que busca entretenimento e, principalmente do crítico literário. Esperamos que em breve haja investigações acerca desse livro, que abre um leque de possibilidades de pesquisa.

O livro não possui edição brasileira ainda, foi publicado em Portugal, pela Editorial Novembro. Possui um rico prefácio de autoria de Pires Laranjeira. Além disso, traz, nas páginas finais, a biobibliografia de Tony Tcheka, bem como a dos ilustradores: Irley Barbosa Rivera e Nú Barreto, ambos guineenses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Moema Parente (Coord.). **Kebur. Barkafon di poesia na kriol**. Bissau: INEP, 1996.

CABRAL, Amílcar. **Pensar para melhor agir**. As intervenções de Amílcar Cabral no Seminário de Quadros do PAIGC de 19 a 24 de novembro de 1969. Organizado por de Luís Fonseca, Olívio Pires e Rolando Martins. Praia: Fundação Amílcar Cabral, 2014.

CONSELHO Nacional de Cultura. **Mantinhas para quem luta!** A nova poesia da Guiné-Bissau. (fac-símile) Bissau: União nacional de artistas e escritores da República da Guiné-Bissau, 1977.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In.: KI-ZERBO, Joseph. (ed.) **História da África:** metodologia e pré-história. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

LOPES JR., António Lopes (coord.). **O eco do pranto.** A criança na poesia moderna guineense. Sintra: Editorial Inquérito, 1992.

MONTENEGRO, Teresa. **Kriol ten.** Termos e expressões. Bissau: Ku Si Mon, 2007.

TCHEKA, Tony. **Noites de insónia na terra adormecida.** Bissau: INEP, 1996.

TCHEKA, Tony. **Guiné sabura que dói.** São Tomé e Príncipe: UNEAS, 2008.

TCHEKA, Tony. **Desesperança no chão de medo e dor.** Corubal, 2015.

TCHEKA, Tony. **Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba.** Vila Nova de Famalicão: Editorial Novembro, 2020.

*Recebido para avaliação em 26/11/2024.*

*Aprovado para publicação em 10/02/2025.*

## NOTAS

1 Doutora em Letras Vernáculas. Especialista na Literatura da Guiné-Bissau. Professora de Literatura do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Pinheiral.

2 Optamos por usar a terminologia “língua guineense” no lugar de “crioulo guineense” por entendermos que se trata não mais de uma variante linguística ou de uma língua de contato, mas de um idioma complexo, com uma gramática própria e autônoma.

3 Em língua guineense, “pessoa, sujeito”. No título do conto, a palavra tem sentido ambíguo, pois significa “pessoa de Sambasabi” e também “pecador”, na perspectiva cristã, aquele que comete pecado, que erra diante de Deus.

4 Forma como os guineenses chamavam os portugueses.

5 Muçulmano que peregrinou a Meca.

6 Em língua guineense, “menino de criação”.